6

ORAÇAÕ,

QUE

FILIPPE JOSEPH DA GAMA

RECITOU,

Sendo Preſidente NA ACADEMIA PORTUGUEZA, E LATINA,

Em 29. de Setembro de 1733.

DEDICADA

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. MANOEL CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, do Conſelho de Sua Mageſtade, Pro-Commiſſario Geral Apoſtolico da Bulla da Santa Cruzada, e Centor da Academia Real.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXXIII.
Com todas as licenças neceſſarias.

1
618

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

DEDICO a V. Illuſtriſſima eſta Oraçaõ Academica, que recitey o mez paſſado, para que alcance, antes da luz do prélo, aquella illuſtraçaõ, que os olhos de V. Illuſ-

2
T18

Illuſtriſſima coſtumaõ communicar aos livros. A ninguem ſe difficulta quanto eu neceſſito deſta para animar huma Obra, que de ſeu Author ſó teve hum ſer caduco, e de V. Illuſtriſſima eſpera receber o eſpirito, para que appareça no theatro das letras com huma vida naõ breve, nem limitada na duraçaõ deſte ſeculo, mas diuturna, immortal, e eterna. Ao meſmo tempo, que me dilato em propor as conveniencias da protecçaõ, occorrem-me duas razoens, ambas panegyricas, e igualmente verdadeiras, que me probibiaõ buſcar outro patrocinio, que naõ foſſe no venerado nome de V. Illuſtriſſima. A primeira he, ſatisfazer àquelle antigo obſequio com que V. Illuſtriſſima, como coſtumaõ os Heroes da ſua eſclarecida Caſa, recebe, e acredita aos profeſſores das Sciencias; e neſtas publicas eſtimaçoens alcançaõ elles o mais nobre, e o mais glorioſo premio dos ſeus eſtudos. Nem em tanta copia de Eſcritores, que agora illuſtraõ a noſſa Luſitania, póde

eſtar

eſtar encuberto o meu nome ao conhecimento de V. Illuſtriſſima; pois conſegui na ſua approvaçaõ, naõ ſó applicarme com mayor cuidado à lingua Portugueza, e Latina, mas tambem deſprezar, e deſvanecer a critica, com que a inveja afrouxa os animos, e os aparta dos exercicios literarios. Daqui naſce, que ſe os Portuguezes, mais ſabiamente, que outra alguma naçaõ do Mundo, ennobrecem o ſeu Imperio com os multiplicados, e eruditos volumes, que cada dia vemos ſahir à luz publica; a V. Illuſtriſſima ſe deve grande parte da gloria, que vay alcançando a noſſa Republica das letras. Nem V. Illuſtriſſima poderá negar, que he o mayor Aſtro, que illumina a Athenas Luſitana, e a ſua magnifica, e preclariſſima Familia; pois em V. Illuſtriſſima tem achado hum exemplar das virtudes mais heroicas, e da eruditaõ mais vaſta em todas as faculdades, e em os idiomas mais politicos, por onde agora ambas eſtudaõ, e cada huma com mayor

ancia

3
G18

ancia o procura imitar. A ſegunda razaõ he; porque os que cultivaõ as Aulas da Congregaçaõ do Oratorio, taõ juſtamente celebrada por V. Illuſtriſſima com os titulos de Santiſſima, *de* Doutiſſima, *e de* Utiliſſima, *tem por goſtoſa obrigaçaõ offerecer, e dedicar a V. Illuſtriſſima quaeſquer compoſiçoens, que eſcreverem; pois aſſim ajudaõ a conhecer, e a confeſſar a eſta Religioſiſſima Caſa o eterno agradecimento, em que V. Illuſtriſſima a tem poſto, ſempre engrandecida, e elogiada com as ſuas eloquentes vozes, e com os ſeus doutiſſimos Eſcritos. Ella porém para ter diante dos olhos ao ſeu eruditiſſimo honrador, collocou na Bibliotheca Marianna a Imagem, em que V. Illuſtriſſima vive, e reſpira; iſto he, o livro, no qual trata V. Illuſtriſſima do Templo Ceſarauguſtano, em que a Virgem Santiſſima, antes de Aſſumpta, foy adorada pelo Apoſtolo Santiago, Patraõ de ambas as Heſpanhas: livro, torno a dizer, em que deixou V. Illuſtriſſima*

Souſ. no Elogio Funebre do Duque D. Nuno, pag. 75. num. 108.

ma immortalizada a ſua fama poſthuma, e excedidas as eſperanças, que tinhaõ todos os Reynos da Europa, do apparato, com que foy inſtituîda a Academia Real. Mas eu naõ poſſo encarecer, quanto deſeja aquella Bibliotheca, que V. Illuſtriſſima a ennobreça com a Obra poetica, que ſe intitula : Doxologia Marianna, *ou* Litaniæ Lauretanæ poeticâ paraphraſi expoſitæ; *já que ſe dignou de lha dedicar. Nas folhas deſte livro teceo V. Illuſtriſſima para ſi a Coroa, que ſó quiz dos ſeus eſtudos poeticos, naõ deſprezando os decoroſos ramos, com que as Muſas lhe cingiraõ a cabeça illuſtre, e judicioſa. Neſta obrigaçaõ immortal deixou V. Illuſtriſſima a todo o Parnaſo, pois naõ aceitando as Tiaras das ſupremas dignidades Eccleſiaſticas, que os noſſos Monarchas repetidas vezes lhe offereceraõ, ſó inclinou V Illuſtriſſima a cabeça à Coroa de louro, querendo, com heroico deſprezo das honras, e das dignidades, que nem as ſuas virtudes,*

nem

4
G18

nem a ſua erudiçaõ ficaſſem com premio igual ao ſeu merecimento : mas a Hiſtoria Sacra reſerva eſte elogio, para perpetuar o glorioſo nome de V. Illuſtriſſima, a cuja idéa deve a noſſa Luſitania o inſtituirſe a Academia Real, para ſe eſcreverem as vidas dos Varoens illuſtres, benemeritos filhos da noſſa Patria; do que venho a entender, que na mayor parte do Corpo deſta Hiſtoria, brilhará com exceſſivas luzes a preclariſſima Familia dos SOUSAS, *os quaes admiraõ illuſtrado em V. Illuſtriſſima o ſeu eſclarecido ſangue, e o ſeu reſpeitado appellido. Nem a rara modeſtia, de que V. Illuſtriſſima he dotado, poderá eſcurecer a incomparavel gloria, de que as ſuas vozes eruditas, e eloquentes expozeraõ ao Congreſſo mais ſabio os Reaes Oraculos, que ordenavaõ tiveſſem principio os progreſſos Academicos, e a Hiſtoria Portugueza no Palacio da Sereniſſima Caſa de Bragança. Receba pois V. Illuſtriſſima eſta piquena Obra no ſeu patrocinio,*

trocinio, para que alcançando ella a ultima perfeiçaõ, pareça ſer meditada no ocio Grego, e eſcrita por hum verdadeiro imitador da Attica eloquencia, e da Romana.

Deos guarde a V. Illuſtriſſima por dilatados annos. Lisboa Occidental, 6. de Outubro de 1733.

Beija a maõ
De V. Illuſtriſſima

Seu menor criado, e mayor venerador

Filippe Joſeph da Gama.

S
G18

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. Fr. Antonio de Santa Maria, Religioſo de Santo Agoſtinho dos Deſcalços, Qualificador do Santo Officio, &c.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

EMINENTISSIMO SENHOR.

SEndo os continuos eſtudos do Author deſta *Oraçaõ Academica*, e que a recitou, Filippe Joſeph da Gama, e V. Eminencia me manda ver, dignos de toda a eſtimaçaõ; os que empregou neſta obra ſe fazem acrédores de incomparaveis, e eternos elogios; porque nella, obſervando exactamente os preceitos Rhetoricos, excede os mais decantados Oradores, que celebrou a antiguidade, e venera o preſente ſeculo. Neſta idade de ouro, para as letras, naõ ſe achará algum, que encheſſe tanto tempo de literatura, em taõ poucos annos de idade : mas ſe as cans veneraveis ſaõ a perſpicacia dos ſentidos, e de hum elevado entendimento; com tanta perſpicacia ſe eleva eſte Orador, que o julgo, naõ ſó jubilado, mas Decano dos Heroes mais eloquentes. Diſcorre na

6
G13

ſua *Oraçaõ* com tal ornato, gravidade, e affluencia, que ſe naõ achará facilmente quem o iguale; porque excedello he impoſſivel. Haverá quem diga mais, porém melhor iſſo naõ: diz com toda a agudeza, primor, e arte, e tudo iſto junto, quem o achar deſcobre hum theſouro. Theſouro he de toda a ſabedoria eſta *Oraçaõ*, porque nella ſe incluem as melhores joyas da eloquencia Sagrada, e profana. Baſta approvalla o ſeu Illuſtriſſimo Mecenas, para ſe eſtimar mais, que o ouro dos mais ſobidos quilates, e as pedras precioſas dignas do mayor apreço. Porém errey, Eminentiſſimo Senhor, fuy diminuto em me explicar, porque naõ ſey encarecer; o certo he, que naõ tem ſemelhança com as pedras precioſas, porque todas ſaõ brutas a ſeu reſpeito; e o ouro he huma pouca de areya em ſua comparaçaõ. Eſte ſó poderá ſervir para as laminas, em que ſe ha de imprimir, e aquellas para as letras, com que ſe deve eſtampar; porque naõ tem couſa alguma contra noſſa Santa Fé, e bons coſtumes, e ſó lhe falta a licença de V. Eminencia, que mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos Deſcalços, 13. de Outubro de 1733.

Fr. Antonio de Santa Maria.

Cenſura

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Manoel do Eſpirito Santo, Obſervante Menor da Provincia de Portugal, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

QUando tive a honra de entrar no numero dos convidados, que concorreraõ a ouvir recitar eſta *Oraçaõ Academica*, naõ foy em mim deſigual o goſto à admiraçaõ; naõ ſó porque vendo a elegancia com que os Socios daquella Academia Portugueza, e Latina, na tenra idade de ſeus poucos annos, deraõ conta dos ſeus eſtudos, ſegundo a diverſidade das materias, que lhes eſtavaõ recommendadas, ſem deſcreparem da verdadeira narraçaõ da Hiſtoria; mas tambem porque o Preſidente da meſma Academia, Filippe Joſeph da Gama, entaõ felizmente pronunciou a propria *Oraçaõ*, que agora appreſenta a V. Eminencia, para com ella patentear a todo o Mundo, por meyo dos caracteres da eſtampa, o fiel teſtemunho da ſua dilatada, e profundiſſima erudiçaõ. Muitos, e eloquentiſſimos Oradores reconhece a Republica das letras na noſſa naçaõ, que bem podem ſervir de ajuſtada norma às mais em ſeus Diſcurſos Oratorios; porém eſte, naõ ſe ſeparando das leys da Rhetorica, e perfeita eloquen-[illegible], naõ deixa de occupar lugar entre os mayores Oradores; pois em tudo ſe conforma com os preceitos do grande Cicero verdadeiro, e hum dos principaes Meſtres da Arte Oratoria: tanto, que me perſuado,

7
518

perſuado, ſem repugnancia, ter o Author extrahido do meſmo Cicero toda a elegancia, naõ ſe eſquecendo de moſtrar aos doutos, o muito que ſoube colher as flores da agradavel erudiçaõ com que Quintiliano enriqueceo os ſeus doze livros da inſtituiçaõ do Orador perfeito. E ſe eſte com tanta felicidade diſcorre neſta *Oraçaõ*, quanta em ſeus Eſcritos poeticos já tem divulgado a fama, e reconhece a noſſa experiencia, porque naõ ſerá agora merecedor de todo o elogio? Aſſim o reconheço, e certamente affirmo he eſte papel, por muitos principios eſtimavel; ſendo entre todos principal, o naõ ſe encontrar nelle couſa, que ſe opponha aos dogmas de noſſa Santa Fé, e bons coſtumes. Mas porque neceſſita da licença, para ſahir ao publico, V. Eminencia lha concederá, ſendo ſervido. Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa Occidental, em 19. de Outubro de 1733.

Fr. Manoel do Eſpirito Santo.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe imprimir a *Oraçaõ*, que ſe appreſenta; e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 20. de Outubro de 1733.

Fr. R. de Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

Do

Do Ordinario.

POde-ſe imprimir a *Oraçaõ* de que ſe trata, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 20. de Outubro de 1733.

Gouvea.

Cenſura

8
G18

Do Paço.

Cenſura do R. P. M. Fr. Manoel de S. Damaſo, Prégador Jubilado, Conſultor da Bulla da Santa Cruzada, Bibliothecario do Convento de S. Franciſco da Cidade, e Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

NEſta *Oraçaõ Academica*, que na moderna Academia da lingua Latina, e Portugueza, diſſe Filippe Joſeph da Gama, naõ ſe offendem as regalias da Coroa, augmentaõ-ſe as excellencias da Monarchia. Em obſervancia do Real preceito, que ſempre para mim foy goſtoſo ſacrificio, a principiey a ler com aſſombro, e conclui a ſua liçaõ com paſmo; em tanto, que me perſuade a deixar o Officio de Cenſor, e a tomar o de Panegyriſta; porque me pareceo (ſem hyperbole, e com ſynceridade) quando a lia, que eſtudava, já a Quintiliano, já a Cicero, e já a Demoſthenes. Tomou Filippe Joſeph da Gama por argumento deſta ſua *Oraçaõ Academica*, louvar os agigantados progreſſos, que os ſeus Collegas haviaõ feito nos empregos do ſeu Inſtituto, para promovellos a mais fervoroſos, mais altos, e mais eruditos eſtudos; e o conſeguio com felicidade tamanha, que naõ ſó encheo, com mageſtade, o mu-

nus

nus de Director, que occupava naquella Aſſemblea, mas adquirio, com excellencia, o de Meſtre dos ſeus Alumnos, dictandolhes os preceitos da Rhetorica mais elegante, os dogmas da eloquencia mais facunda; e fazendo, que o que fora elogio aos literarios exercicios anteriores, ficaſſe ſervindo de inſtrucçaõ para os futuros. As inſtrucçoens Oratorias, que Quintiliano eſcreveo lhe deraõ o Magiſterio da Rhetorica. As Oraçoens Academicas, que Cicero diſſe, lhe adquiriraõ o Principado da Eloquencia. E eſta *Oraçaõ Academica*, que Filippe Joſeph da Gama recitou, com o meſmo juz lhe daõ, e adquirem aquelle Principado, e Magiſterio. Nella eſcreve as maximas da Eloquencia, os dictames da Rhetorica, em grao taõ ſupremo, que attendida a invençaõ, diſpoſiçaõ, e elocuçaõ, dignamente arroga a ſi, por titulo, a propria definiçaõ deſta Sciencia : methodo, e doutrina de dizer bem, recta, e ordenadamente. Comprehende com eminencia os tres generos da Arte de Orar : Demonſtrativo, Deliberativo, e Judicial, aſſociados das ſuas inſeparaveis qualidades : o Demonſtrativo, da brevidade, clareza, e ſubtileza : o Deliberativo, da efficacia, prudencia, e fructuoſidade : o Judicial, da brandura, fortaleza, e convincencia. Contém, com ſuperioridade, os naturaes effeitos da Oratoria, que ſaõ : enſinar, deleitar, e perſuadir, ſem que nella ſe deſejem as propriedades, que conſtituem fermoſa, perfeita, e conſummada huma Oraçaõ, e com que ſe exercitaõ aquelles generos, qualidades, e effeitos : a pureza da fraze, a gravidade do eſtylo, a dignidade dos conceitos, a clareza das provas, o ornato das amplificaçoens, e a enervaçaõ das duvidas. A pureza da fraze reſplandece na locuçaõ culta, que naõ admitte a critica de

pala-

9
918

palavras arrogantes, ſoberbas, peregrinas, e deſconhecidas; mas a de hum portuguez do ſeculo, puro, ornado, compoſto, agudo, grave, e profundo: a meſma locuçaõ ſe louva em outras obras, principalmente nos Epigrammas, que eſte Eſcritor, no preſente anno, deu à luz do prélo, naõ com vulgar credito das Muſas Luſitanas; felicidade, que deveo, naõ ſó à aguda elevaçaõ do ſeu juizo, mas tambem à judicioſa eſcolha, que fez de exemplares para o ſeu eſtudo; (como eu poſſo teſtemunhar das ſuas grandes, e continuas applicaçoens neſta Bibliotheca) para a Oratoria elegeo o eloquentiſſimo Vieira; para a Poeſia o elegantiſſimo Macedo, Heroes neſtas Sciencias os mais ornados, compoſtos, agudos, graves, e profundos. A gravidade do eſtylo, na innata propriedade com que ſe explica, e ingenita faculdade com que ſe dá a entender, que parece fez da Natureza Arte, e da Arte Natureza; uniaõ taõ peregrina, que nem em Demoſthenes, nem em Cicero a deſcobrio Quintiliano, mas para formar a idéa deſte peregrino Orador; de Demoſthenes tirou a Arte; de Cicero a natureza. A dignidade dos conceitos, na omnimoda proporçaõ, que tem com o ſeu Aſſumpto, e total conveniencia dos tropos, figuras, e methaforas, com que os declara; expreſſa com tanta naturalidade, e deſtreza as idéas, que formou a perſpicacia do ſeu entendimento, que nelle ſe naõ deſtingue o conceber de produzir; nem ſe conhece aquella diſtancia, que Cicero reconheceo entre o ſentir, e o dizer. A clareza das provas, na illuſtraçaõ, que recebem os Leitores (e receberiaõ os ouvintes) deſta *Oraçaõ*, para penetrar o fino, e delicado dos ſeus penſamentos, que ſendo altos, e profundos, à ſemelhança dos parallelos, a identidade dos factos, a applicaçaõ dos

ſucceſſos

ſucceſſos com que os confirma, naõ ſó provaõ, mas illuminaõ. O ornato das amplificaçoens, na vaſtidaõ do Diſcurſo, pois em huma materia eſteril, pela propria generalidade, a ſua facunda erudiçaõ a fertiliza, com translaçoens, e epithetos, aſſim elegantes, com parifraſis, e epilogos aſſim judicioſos, e em periodos aſſim eloquentes, aſſim conformes ao Aſſumpto, e ao Auditorio, que integrou hum todo agradavel aos ouvidos, e grato ao entendimento. A enervaçaõ das duvidas, na vitoria com que triunfa das imaginadas, e cauteloſas objecçoens, que contra as proprias concluſoens excita a ſua connatural arguitiva; he tal, que ainda, que o Ariſtotelico artificio com que fórma os argumentos, arraſtraõ os animos ao aſcenſo do que nelles perſuade, ao menos em quanto as inſta, a clareza, e efficacia das repoſtas com que desfaz a força das inſtancias, immuta immediatamente as vontades a hum credito abſoluto, da veracidade do Aſſumpto, que eſtabelece. Finalmente, porque foſſe em tudo completa eſta Arte da Rhetorica, eſte modelo da Eloquencia; naquella prompta affluencia de palavras, profuſaõ de periodos, copia de exemplos, e exuberancia de razoens, reſplandece a facunda Memoria do noſſo Orador, já que por ley do Inſtituto, no recitar, naõ podia reſplandecer. A pronunciaçaõ, ultimo complemento de huma Oraçaõ elegante, e de hum Orador eloquente, publicaõ as cem bocas da Fama, que com iguaes reſplendores brilhará na ſuavidade da voz, na gravidade do geſto, e na compoſiçaõ do corpo, com que o noſſo perfeitiſſimo Orador, Filippe Joſeph da Gama, a diſſera, e repreſentara: ſeguia com o concento da voz a natureza da Eſcritura, reveſtia com a mudança do geſto, os affectos do animo; compunha ao eſpelho

10
918

da ſignificaçaõ das palavras, as acçoens do corpo; e diſputava a ſermoſura da dicçaõ com Demoſthenes, ao qual ſe ſe lhe differiſſe a primazia, ſeria por naſcer primeiro. Pois quem ſe naõ admirará, Senhor, ao ver, e conſiderar, que Filippe Joſeph da Gama, quando completa a ſua infancia, e a penas entra na adoleſcencia, já ſe equivoca no dizer, e no orar com os Meſtres da elegancia, com os Principes da eloquencia ? Para o noſſo Orador elogiar aos Socios Academicos, ſeus coetaneos, e os eſtimular a mayores progreſſos de erudiçaõ, elegancia, e eloquencia, comparou-os com Origines; porque na vivacidade do engenho, que na ſua infancia, e adoleſcencia demonſtrava, dava claros indicios, de que na idade provecta ſeria erudîto, elegante, e eloquente, como Origines. Mas eſte elogio, e motivo ſendo grande, para o noſſo Orador, he pequeno; porque ſe Origines na infancia demonſtrava aptidaõ para aprender, Filippe Joſeph da Gama, na infancia tem erudiçaõ para enſinar : Origines ainda na adoleſcencia era diſcipulo, Filippe Joſeph da Gama já na adoleſcencia he Meſtre. Nem ainda para o ſeu merecido elogio, e preciſo incentivo, he proporcionado parallelo o de Quintiliano, o de Cicero, o de Demoſthenes, a quem iguala, he neceſſario conſtituillo em hum Heroe, que a todos exceda. Mas quem ſerá eſte Heroe taõ ſingular, e taõ luzido como o Sol? Taõ unico, e peregrino como o Fenix ? He o ſeu Mecenas. Para que até o acerto do ſeu elogio, e do ſeu eſtimulo, devecemos à ſua acertada eleiçaõ. A grande literatura, e elegancia, que na adoleſcencia deſte Heroe ſe admirou, já ſe comparava à de Quintiliano, à de Cicero, à de Demoſthenes, ainda quando mais provectos ſe conſideravaõ; porém a

vaſtiſſi-

vaſtiſſima erudiçaõ, e eloquencia, que na ſua veneravel ancianidade admiramos, em nenhum deſtes famigerados Oradores encontra ſemelhança, ainda quando mais ancioens ſe contemplaõ. Na comparaçaõ do Sol, com o de todas as luzes, ficaõ taõ excedidos todos os Aſtros, que parece naõ ſerem luminoſos: na comparaçaõ deſte Heroe, centro de todas as Sciencias, ficaõ taõ excedidos todos os Sabios, que parece naõ ſerem ſcientificos. O Fenix na comprehençaõ dos ſeculos fez-ſe unico, eſte Heroe na comprehençaõ das Sciencias conſtitue-ſe ſingular; mas, *O' utinam* ! Que aſſim como he ſingular nas luzes da Sciencia como o Sol, ſeja unico na duraçaõ dos annos como o Fenix ! No parallelo pois deſte Heroe, que he o ſeu Mecenas, taõ unico, e taõ ſingular, tem Filippe Joſeph da Gama o mayor elogio, e o mais proprocionado eſtimulo. O mayor elogio; porque na igualdade da elegancia, que na ſua puericia faz a Quintiliano, a Cicero, e a Demoſthenes, tem ſemelhança com a eloquencia do ſeu Heroe na propria infancia ! O mais proporcionado eſtimulo; porque hum taõ grande Orador, que na ſua adoleſcencia iguala aos melhores na elegancia, ſó poderá, na idade provecta, ſer mayor, emulando a imitaçaõ do ſeu Mecenas, que na veneravel ancianidade, naõ reconhece igual na eloquencia. E ſe no ſeculo, para a noſſa Luſitania, dourado, em que V. Mageſtade ſe declarou Protector das letras, admiramos taõ deſtinctos os ſeus profeſſores; nenhuma eſtranheza póde cauſar nos animos, que o rigor da Cenſoria ſe converta em benevolencia da laudaçaõ; o que havia ſer Cenſura ſeja elogio. Antes, para que fique cabalmente correſpondido o merecimento de taõ deſtincto Eſcritor, naõ ſó póde V. Mageſta-

11
918

Mageſtade concederlhe a merce, que pede para imprimir a preſente *Oraçaõ Academica*; mas obrigallo a que dê ao prélo a Preliminar, de que nos dá noticia no principio deſta; e outras muitas obras, legitimos partos de ſeu ſingular talento, que conſerva manuſcritas; porque ao meſmo paſſo, que nellas ſe multiplicarem os elogios ao Author, ſe augmentaráõ as excellencias à Monarchia. Eſte o meu parecer, V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Neſte Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa Occidental, 26. de Outubro de 1733.

Fr. Manoel de S. Damaſo.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſa tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Liſboa Occidental 27. de Outubro de 1733.

Pereira. *Teixeira.* *Rego.*

Viſto

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 20. de Novembro de 1733.

Fr. R. de Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 21. de Novembro de 1733.

Gouvea.

TAxaõ o papel incluſo em 60. reis, para que poſſa correr. Lisboa Occidental 24. de Novembro de 1733.

Pereira. Teixeira.

ORA-

12
918

ORAÇAÕ,

QUE

FILIPPE JOSEPH DA GAMA

RECITOU,

Sendo Preſidente NA ACADEMIA PORTUGUEZA, E LATINA.

TUDO quanto pedimos à noſſa Immaculada Protectora (eruditiſſimos Senhores) naquelle dia, em que eu, obedecendo ao voſſo honroſo preceito, implorey para eſta Academia o ſeu admiravel patrocinio, e com affectuoſo obſequio lha dedicamos; tudo vejo em vós felizmente conſeguido, e por modo bem

13
518

extraordinario. Pedimos naquelle fermoſo dia à Virgem Senhora noſſa, que protegida com as ſuas luzes, e benignas influencias a noſſa Aſſemblea, naſceſſe eſta com a Eſtrella mais luzida, que lhe prognoſticaſſe naõ ſó huma larga duraçaõ, ainda além da poſteridade, mas que tambem influiſſe nos ſeus Alumnos aquella eloquencia, que a virtude aperfeiçoa, e juntamente orna. E quem de vós, ò Academicos, naõ conhece em ſi quanto lhe tem aproveitado eſte Sagrado, benefico, e Soberano patrocinio? Naõ ſaõ effeitos delle o alto, e o excellente modo de orar, e de diſcorrer, a que vos achaes elevados? Podemos dizer, que imitaes a veneravel antiguidade nos voſſos diſcurſos, ſem que ſe moſtre invejoſa a madura idade aos voſſos poucos annos? Pois eſtes prodigios, eſtes milagres da eloquencia, que dentro de Congreſſo taõ erudîto admiraõ os que vos aſſiſtem, e vos eſcutaõ, todos devemos attribuir à Virgem Santiſſima, que venerada com o titulo da Conceiçaõ, illuſtra eſta Academia, e com a ſua luz deſvanece as ſombras da inveja, e as nuvens da critica. Nem menor argumento do que temos dito he aquella voſſa applicaçaõ aos livros, e aos eſtudos, quando os pertende interromper a Eſtaçaõ do anno; pois naõ vos contentando com os ſeveros exercicios da Filoſofia, e Theologia, agora cultivaes o engenho com as flores Atticas, para ſuavizar os preceitos deſtas duas Sciencias: e quem tem taõ continua a entrada na Caſa da Sabedoria, naõ he muito, que participe das Sagradas influencias de taõ divina, e taõ adorada Meſtra.

Quanto mais conſidero neſta voſſa grande felicidade,

licidade, tanto mais difficultoſo julgo ſobir a eſte ampliſſimo theatro da eloquencia, no qual ſe tem recitado aquellas doutiſſimas Oraçoens, das quaes ainda ouvimos os eccos, pelos dilatados campos da Fama. Difficultoſo julgo fallar na voſſa preſença, ò Academicos; porque ainda que eu tenha conſeguido a eſtimavel felicidade de voſſo Socio, e tambem me animem os influxos da reſplandecente Eſtrella de Jacob; com tudo eu conheço a differença, eu vos confeſſo a ventagem: aſſim neſſe globo de puros, e luzidos diamantes, que ſuſtentou Hercules, nem todas as luzes tem a meſma grandeza; e huma das ſete filhas de Atlante, poſto que ſeja tambem Aſtro, he menos reſplandecente, que ſuas Irmãas. Ao meſmo tempo, que a voſſa benevolencia me eſcolhe para Orador deſte dia, e eu deſejo executar hum tal preceito, que todo redunda em utilidade minha; já me intimida vir fallar na preſença de hum Auditorio taõ douto, e de huns Academicos, que tem enriquecido a Patria com os rios de ouro, que traz a ſua eloquencia; e já tambem me anima, que nunca paſſou dia, por mais que elle quizeſſe ſer breve, em que eu naõ leſſe parte dos voſſos Diſcurſos Academicos, dos quaes confeſſo ter participado hum grande fruto, aſſim das frazes mais polidas, como da erudiçaõ mais copioſa. Agora me fica o deſvanecimento, de que aſſim o entendeſtes, pois me mandaes ſobir a eſta Cadeira, querendo, que em mim tenha mayor lugar a gloria, que della me reſulta, do que o merecimento com que devia alcançalla: mas daime licença, Senhores, que diga, que tudo quanto ouvirdes, he imitado dos voſſos eſtu-

 dioſos

14
518

dioſos progreſſos. Eſtes me foraõ como criſtalinas, e liquidas correntes, que a penas goſtadas, logo ſenti hum eſpirito animoſo para mais altas empre-zas. Aſſim me perſuado, que a beneficio voſſo en-tro hoje em hum empenho o mais difficultoſo, e o mais elevado; e que venceo os juſtos receyos da mi-nha idade o voſſo meſmo preceito; pois nelle ſe me communicaõ, e ſe me infundem todas aquellas luzes, de que neceſſita hum Orador para ſer precla-ro. Quanto mais, que naõ me póde faltar a affluen-cia douta, e judicioſa da Oraçaõ, porque fallarey de vós, ò Academicos, e da noſſa Grande Mãy, e Protectora, concebida ſem a macula original, que em nós purificaõ as Sagradas fontes do Bautiſmo. Por eſta cauſa he mais difficultoſo achar o fim da Oraçaõ, que o principio della; mais profundo o em-penho com que havemos concluir, que aquelle com que havemos principiar; em fim, mais Santo, mais ſuperior, e mais elevado, pois vence a capacidade mais douta para deſempenharſe. Day agora benig-nos attençaõ, naõ às minhas palavras, naõ às mi-nhas vozes; ſim à grandeza do aſſumpto, que por ſer alto, e difficultoſo, he mais proprio das voſſas intelligencias, que da minha pouco elevada expreſ-ſaõ.

A Academia Latina, e Portugueza, que com as influencias da Virgem Senhora da Conceiçaõ tan-to ſe illuſtra, e com taõ feliz auſpicio principia a immortalizar o ſeu nome, he o ampliſſimo Congreſ-ſo, em que eu deixaria o meu lugar deſoccupado, ſe aſpiraſſe igualarme a qualquer dos ſeus Alumnos. Aqui aſſiſtio o anno paſſado por tres mezes a Fa-

ma,

ma, em quanto ſe recitavaõ os eſpecioſos, e eloquentes Eſcritos, que hoje guardamos em hum livro, grande pela materia, e pelo nome. Nem imagineis, Senhores, que eſſe monſtro cheyo de azas he mais filho da fanteſia dos Poetas, que das entranhas da terra; porque entaõ vos pergunto eu: E como póde ſer, que chegaſſe a noticia deſta Academia a taõ remotas partes, em que ella he já nomeada, e ſe tem feito attendida, ſem que a divulgaſſem as cem bocas deſſa monſtruoſa pregoeira? A quem ſe devem, ſenaõ às ſuas vozes, aquelles elogios, com que já ſe publîca no Mundo a voſſa applicaçaõ, e o grande deſejo de illuſtrar a Patria, para que eſta ſe ennobreça com o voſſo naſcimento? Eu naõ ſey ſe deveis mais à Fama, pregoeira do voſſo nome, ſe àquelles, que naõ ceſſaõ de repetir altamente os voſſos louvores; ſe a eſtes, a quem governa o diſcurſo judicioſo, ſe àquella, que com precipitado voo naõ deixa couſa alguma, que naõ publique, e que naõ eſpalhe pelo Univerſo. Só digo, que eſte louvor alternado na trombeta da Fama, e nas multiplicadas acclamaçoens dos doutos, e dos Sabios, naõ he naſcido de alguma adulaçaõ, ou amiſade, mas ſim do voſſo completo merecimento, daquelles inceſſantes eſtudos, e daquella larga vaſtidaõ nas Sciencias, que em mim ſeria vaidade ſe as deſejaſſe ſemelhantes. E ſenaõ dizeime: que outra couſa he pordes os hombros ao edificio da Sabedoria, quaſi arruinado, ſenaõ eſtabelecer, e ſuſtentar o Templo, em que os Sabios deſcançaõ, convertendo em nova vida os funeſtos eſtragos, que nelles fizera a morte? Quem naõ ouvirá com admiraçaõ,

que

15
518

que principiaõ a florecer neſta aquellas Academias, de que já triunfou o Tempo, cobrindo-as com as cinzas dos que as frequentavaõ, e enterrando as ruinas, que nellas fez a ſua maõ ruſtica, e invejoſa? Aqui, aqui na noſſa Academia, tem principio mais glorioſo todas eſtas, e nella agora vivem novamente os que as cultivaraõ, e acreditaraõ na poſteridade. Aqui renaſce aquelle Congreſſo de homens doutiſſimos, que inſtituhio D. Antonio Alvares da Cunha, duas vezes grande; huma pela ſua illuſtre, e antiga Caſa, em que permanece a imagem do Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, que olha com reſpeito o Tempo; outra pela rara erudiçaõ, e fecundo engenho, com que ſe fez familiar das Muſas, e muitas vezes Preſidente. Quem ha, que ouvindo os ſeus harmonioſos verſos, naõ perca a cor, e ſe lhe naõ accenda o peito? Aqui apparecem tranſmigrados, nos noſſos Academicos, os Generoſos, os Singulares, os Applicados, e os Anonymos; dos quaes eſtes ultimos inſtituiraõ os ſeus Congreſſos no Palacio do Senhor Conde da Ericeira; e nas caſas do Senhor Ignacio de Carvalho e Souſa, diante de quem agora fallo, e com quem tanto ſe utiliza, e ſe ennobrece a Academia Real da Hiſtoria Portugueza. Agora me embaraça o reſpeito, e a modeſtia deſte preclariſſimo Academico, pois tem por delicto naõ ſe evitarem na ſua preſença os elogios, que merece; que por ſerem nelles exceſſivas as capacidades mais doutas, duvido ſe algum dos mortaes os alcançou mayores. O' quanto ſe alegrará eſta doutiſſima Multidaõ, que o Reverendiſſimo Padre Antonio dos Reys, Principe da Poeſia Latina, vio

entre

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

entre os Córos de Apollo, nos boſques, e nas floreſtas do Parnaſo, por onde ſoa a harmonia bem concertada das ſuas Lyras, que para ſer melhor ouvida, deixaraõ as Muſas de pulſar os plectros, e a fonte Aganippe ſe eſqueceo da perenne ſucceſſaõ das ſuas aguas! Quanto ſe alegrará de reſpirar com o voſſo alento, e de fallar com o mageſtoſo culto, e adorno das voſſas palavras o idioma Latino, e Portuguez! Inceſſante he agora a applicaçaõ, mais ſucceſſivos os eſtudos, com mais trabalho, e com mayor applauſo lhe adquiris, ò Academicos, huma vida, que naõ acaba, que naõ he fragil, nem caduca, collocada na memoria dos homens, e immutavel na meſma variedade dos tempos. Mas para que ſaõ eſtes repetidos exceſſos, com que agora reſtaurais a eſquecida gloria deſſes ſepultados Varoens, cujos nomes já eſtavaõ apagados nos monumentos, em que jazem? Será porque tendes diante dos olhos o nome eterno da Patria, que ella alcançou com as Academias, que já extinctas florecem com os voſſos annos, querendo de novo reſtituirlhe a fama, e o nome grande, que a antiguidade, ou lhe hia negando, ou já lhe tinha tirado? Será porque quereis deſmentir aquella commua eſtimaçaõ, de que na primeira idade naõ madurecem os frutos da diſcriçaõ, e da eloquencia? Bem tendes moſtrado o contrario, pois naõ ſó excedeis aos que vos igualaõ nos annos, mas fazeis duvidoſo o louro, e a palma a eſſes homens illuſtres, e famoſos, que até agora ſaõ reſpeitados da inveja. Será finalmente porque quereis ſer exemplo àquelles, que começaõ a tropeçar no caminho da immortalidade, enſinandolhes,

que

que facilmente vence eſtas difficuldades o premio, enlaçado com os elogios, que por ellas ſe conſeguem, e vós já alcançaſtes?

Digame agora a Hiſtoria Grega, e a Romana, quem foraõ eſſes Filoſofos, e Academicos, brado naõ pequeno da ſua fama, com que tanto ſe ennobreceraõ eſtes dous emporios de Minerva.? Digame em que idade começaraõ a fazer celebres no Mundo todo, huns a Athenas, e outros a Roma, mais antiga no Principado das armas, que no das letras? Fallaráõ ambas de Plataõ, e de Seneca; de Demoſthenes, e de Tullio; de Euripedes, e de Terencio; de Heſiodo, e de Ennio; aquelle em que Grecia vio recuperado o eſpirito, que antes tinha perdido em Homero; eſte facundiſſimo Poeta, e intrepido companheiro de Scipiaõ, pois a ſua eſpada, e a ſua cythara lhe mereceraõ por premio duas Coroas. Levaráõ ambas o nome deſtes, e outros Sabios, (de que agora naõ fallo) até as claras Eſtrellas do Firmamento; dizendo de huns a reſpeitoſa gravidade, de outros a prodigioſa elegancia, ornada com as Sciencias mais proveitoſas, que elles alcançaraõ com muitos annos de vida, e de eſtudos. Fallem, louvem, e engrandeçaõ Roma, e toda a Grecia, a eſtes, que à maneira de luzes grandes reſplandeceraõ na Republica literaria; porém julguem quanto mais fazem os noſſos Academicos aqui neſte graviſſimo Congreſſo, em que as Muſas, e as Virtudes permanecem com huma inſeparavel alliança. Senaõ quereis, que diga, que he menos ſer plauſivel, e illuſtre na erudiçaõ mais profunda, quando a idade já ſe inclina com o pezo dos annos, do que quando he

ainda

ainda tenra, e apparece em flor. Quanto mais he ſentarem-ſe os noſſos Academicos floreſcentes no principio da vida, junto àquelles famoſos, e ainda reſpeitados velhos, em que a Sabedoria, ſendo fermoſiſſima, expreſſou o ſeu retrato? Junto àquelles, que ſó ſe compunhaõ ao eſpelho da Prudencia, triſte a preſença, e melancolica, a viſta turbada, e grave? Naõ póde haver mayor igualdade em annos taõ deſiguaes! Olhay para o harmonioſo corpo deſta Aſſemblea, e vereis com admiraçaõ voſſa, que aquellas delicias da virtude, e das letras, aquelle adorno das Aulas, e dos coſtumes, communicado por igual medida a ſete peritiſſimos engenhos, faõ a eſtabilidade, faõ o fundamento deſta grande Caſa, em que a Minerva Luſitana collocou o ſeu throno. Que mais auguraraõ as eſperanças, e os dotes ineſtimaveis, que começavaõ a apparecer, e a avultar nos rudimentos da vida deſſes prodigios da natureza, e deſſes venerados milagres da Sabedoria? Que mais auguravaõ, torno a dizer, aquellas diſpoſiçoens, e aquelles naõ vulgares principios, que os naõ vejamos mais excelſos, e ſuperiores nos noſſos Academicos? Que ſe julga de ſer o ſeu nome já ouvido com ſuſto daquelles, que para ſi querem ſómente a ventagem? Que conſequencias podemos tirar de huma diſcreta puericia, de huma intempeſtiva diſcriçaõ, em fim, de huma adoleſcencia, que parece vivificada com os acertos da idade madura? Naõ neceſſito agora, Senhores, do pompoſo ornato das figuras, nem dos tropos Rhetoricos, para recommendar o que até aqui temos dito. Só peço, que inclinando vós por hum pouco os olhos, eſcute, naõ a

17
518

voſſa modeſtia, mas o voſſo merecimento, parte dos ſucceſſivos elogios com que vos louva, e engrandece o Auditorio embebido, e arrebatado na recitaçaõ dos voſſos diſcurſos, igualmente diſcretos, que facundos. Vi eu ao eruditiſſimo Socio, o Senhor Antonio Felix Mendes, quando deixou entre admiraçoens o entendimento mais delicado, e ſevero, depois de recitar a ſua doutiſſima Oraçaõ: entaõ alcancey eu quanta era a ſuave força da eloquencia; qual a ordem, porque ſe devem diſtribuir as ſuas partes; finalmente, como competia com eſſes Oradores mais celebres, cujas Eſtatuas ennobrecem o alto Palacio da Sabedoria, pois vemos, que eſtes lhe offerecem as coroas de louro, com que elles coroavaõ os ſeus entendimentos. Mas naõ me póde eſquecer, que nenhum dia tive na vida, nem mais honorifico, nem mais agradavel, que quando eſte conſummado Orador eternizou o meu nome em hum elogio; nem até agora tive premio, que com eſte ſe podeſſe comparar, nem mais glorioſo, nem menos merecido. E como poderey eu remunerar hum taõ amplo beneficio? Com que palavras engrandecerey a hum homem, que me deu por vida huma eternidade de duraçaõ, ſe eu conheço quam humilde, e quam fraca ſeja a minha voz, com a qual ficaõ os Sabios mais offendidos, que elogiados? Que direy agora do digniſſimo Cenſor, a quem os ſeus continuados eſtudos, e os ſeus grandes merecimentos o elevaraõ ao primeiro lugar deſta Academia, ſatisfazendo em tudo à ſua difficultoſa obrigaçaõ? Naõ paſſarey em ſilencio a eloquentiſſima Oraçaõ do Senhor Joſeph Colaſſo de Miranda, com que

illuſtrou

illuſtrou eſta Aſſemblea. Era para admirar a copioſa affluencia de palavras, que recreava os ouvidos com huma bem concertada harmonia, e ſuſpendia o entendimento com a erudiçaõ mais copioſa : entaõ alcançou elle do ſeu numeroſo Auditorio, o mais illuſtre, a merecida antonomaſia de Conceituoſo. Quem naõ dirá do diſcretiſſimo Secretario, e dos mais Academicos, que nos fizeraõ eſquecer de Hortenſio, e Graccho, deixando eſcurecidas, com a luz da ſua eloquencia, aquella Athenas, e aquella Roma, que ſó ao Imperio Luſitano ſaõ inferiores? Ninguem já mais duvidou, que com as influencias de hum ſuperior eſpirito, ſobiſtes a eſte lugar certos do applauſo; certos, e naõ duvidoſos da ventagem, que nem C. Graccho, já na adoleſcencia inſigne Orador, vos diſputaria, ſe ainda viveſſe. Aqui moſtraſtes a cuidadoſa applicaçaõ, que vos fez conſummados na lingua Latina, e Portugueza; chegando a eſcrever, e a fallar com pureza eſtes dous idiomas, e tambem a penetrar, e a entender os myſterios da Poeſia, e da Hiſtoria, confuſos com a nuvem da fabula, e da antiguidade. Digaõ-no os voſſos Diſcurſos diſcretos, erudîtos, e judicioſos; nos quaes, quando eſtou imaginando, creyo ſerem eſcritos com eſtylo Attico, por Lelio, Antonio, Scevola, ou Craſſo, incomparaveis Oradores daquelles ſeculos, em que ſe ouvia a clara, e a ſuaviſſima voz da eloquencia. Digaõ-no as Poeſias em que deſcreveis os aſſumptos Academicos, que recitados com admiraçaõ das Muſas, naõ ſó nos trazem à memoria as delicias, e os arvoredos do monte Parnaſo, freſco, e apraſivel; mas nos daõ certos indicios, de que

Cicer. in Brut. pag. mihi 283.

foraõ meditados junto do ſucceſſivo criſtal da fonte Aganippe.

E para onde me arrebata o furor, que tenho concebido de publicar os voſſos elogios? Já ſey quam inutil he todo o meu trabalho: nem eu poderia continuar com a grandeza do Panegyrico, ainda que ſe me inſpiraſſe hum novo modo de dizer, mais alto, e mais diverſo do humano. Agora, poſto que fique queixoſo o voſſo merecimento, porey fim aos voſſos louvores, que deſejaria proſeguir, ſenaõ conheceſſe ſer a minha viſta debil para fitar os olhos nas voſſas luzes. Mas arriſque-ſe a viſta, e corra precipitado o entendimento, que eu naõ poſſo eſquecerme, de que a voſſa adoleſcencia eminente em todos os progreſſos literarios, tem por elogio, o que em muitos Sabios, ou parece exaggeraçaõ, ou foy liſonja. Quizera agora, que os ſeculos antepaſſados me ouviſſem, para que ſe naõ jactem, de que elles ſó deraõ ao Mundo aquelles Varoens, cujas imagens, coroadas com o ſeu proprio nome, ſe nos propoem para o exemplo, e para a imitaçaõ: a noſſa idade (idade verdadeiramente de ouro) tambem traz comſigo portentos ſemelhantes. Cada hum dos noſſos Academicos he huma prodigioſa arvore, que dá juntamente os frutos, e as flores; as flores nos conceitos, com que cada hum falla; os frutos na vaſtidaõ de noticias, na grandeza dos aſſumptos, e na polida, e copioſa facundia, com que illuſtra, e admira ao Auditorio, que com admiraçaõ, e com ſilencio o eſcuta. Naõ naſce flor mais engraçada nos campos da Primavera, quando Apollo ſóbe a trazernos o dia; naõ ſe oſtenta fruto pendente da copada

copada arvore, em que ſe creou, que nos ſeja mais agradavel, que alguns deſtes frutos, que alguma deſtas flores. Os Varoens Sabios, porque o chegaõ a ſer quando a idade lhe pinta os deſenganos nos cabellos, ſe daõ frutos, como podem produzir flores no Inverno da vida? Os noſſos Academicos nos ſeus primeiros annos, naõ ſó daõ flores, mas tambem nos offerecem os frutos ſaſonados, e maduros, do ſeu fecundiſſimo engenho. Deſte modo, por ſecreto indulto da Providencia, fazem em ſi ventajoſa a Primavera ao Outono; e dando juntos os frutos deſte com os odoriferos adornos daquella, excedem na facunda producçaõ dos ſeus entendimentos o credito humano.

Mas já que agora vemos aquillo meſmo, que naõ chegavamos a apprehender; já que hoje deſmentem tanto os noſſos olhos as difficuldades, que oppunha o entendimento; facil ſerá augurar a idade provecta de cada hum dos noſſos Academicos, já que em todos experimentamos huma anticipada diſcriçaõ. Vedes tremolar as bandeiras Romanas com admiraçaõ do Mundo, e as Aguias, ainda que de prata, que as querem acompanhar voando? Vedes o numeroſo exercito, que caminha para Carthago, luzido em armas, que feridas com os reflexos do Sol, enchem de mayores luzes o dia? Vedes o grande numero de Centurioens, que mandaõ, que governaõ aquellas legioens de Soldados bellicoſos, cujos peitos endureceo o ferro, e a braveza militar? Pois reparay no biſarro mancebo, que robuſto, e forte, com os ardores da idade juvenil, promette arruinar de hum ſó golpe os muros Carthaginezes, e

ſer

ſer o primeiro, que fulmine rayos, que enriſte a lança, e que fira ao inimigo no primeiro choque, ou aſſalto. Vedes como vay guarnecido o ſolido do aço com o luminoſo do ouro, e o ſeu capacete coroado de plumas, com que açouta as ancas do bruto em que vay montado? Pois eſte ſerá Scipiaõ, a cuja eſpada cederá inteiramente o mais ſoberbo Sceptro da Africa, e daqui a poucos annos levantará incendios nos edificios de Carthago, mais vorazes, que aquelles com que Agmenon reduzio a cinzas os de Troya. Eſte, que agora vedes ſeguir ao pay, incitado ſómente do canoro ſom das Trombetas, e do rouco dos Tambores, ſerá o Deos da guerra, a cujo valor deverá o Imperio Romano o mayor triunfo, que ſe eſcreverá nos ſeus Faſtos; eſte triunfará do primeiro homem de Carthago, formidavel em armas, e aſtucia militar; eſte, a quem Roma levantará eternas Eſtatuas, e a Vitoria offerecerá Coroas, intertecidas com folhas de palma, e de louro. Mas tornay a voltar os olhos a outro prodigio igualmente grande. Vedes aquelle menino, a quem o ſono fechou os olhos nos braços do proprio pay? Vedes como eſte inclinado lhe beija o peito, e a cabeça, vendo occupados aquelles dous lugares, hum do coraçaõ, outro do entendimento, com ſciencia ſuperior aos ſeus tenros annos? Pois he Origines, que vay moſtrando, quem ſerá na idade adulta, quando os ſeus livros forem huma muda voz, que repita nos ſeculos poſteriores o ſeu nome. Elle ſerá reſpeitado de toda a Grecia, gloriando-ſe mais em hum ſó Origines, que em todos os mais Sabios, que cultivaraõ prodigioſamente nas ſuas Academias todo o

genero

genero de Artes, e de Sciencias. A morte naõ lhe terminará o culto, fará fim mais viva a ſaudade. O' quantos o viráõ buſcar de climas bem remotos, para ouvirem, e verem eſte profeſſor da mais levantada Sabedoria, cuja cabeça ſerá oraculo, cujos labios ſeraõ cortina, donde ſahiráõ (em quanto naõ delirar) as repoſtas mais certas, e mais profundas, que as de Apollo Pythio. Taes fins auguravaõ eſtes principios. As vitorias de hum, e a vaſtiſſima erudiçaõ de outro, os ramos de louro, que cortou a eſpada de Scipiaõ, e os que mereceo a penna de Origines, neſtas duas idades, ainda verdes, e floreſcentes, vinhaõ promettidos, e brilhava muito de perto a gloria, e os futuros progreſſos de ambos; do primeiro, emmudecendo Carthago, quando lhe ouvia o nome; do ſegundo, callando-ſe o Mundo para melhor o ouvir. Aſſim lemos nas Fabulas, que Vulcano polindo as armas para o Capitaõ Eneas, abrira, com ſummo artificio, na grande lamina do eſcudo huma imagem do vaſtiſſimo Imperio Romano. Alli eſtavaõ repreſentadas ao natural as ſuas conquiſtas, e as ſuas vitorias, heroicamente alcançadas; e com admiravel idéa do Artifice parecia, que os Capitaens, coroados do ſempre triunfante louro, voltavaõ em carroças douradas ao Capitolio, huns de Africa, outros das Gallias, e das Heſpanhas : eſtes do Illyrico, aquelles da Macedonia; em fim, os triunfos de Pompeo, e de Auguſto, hum vencedor da Aſia, outro do Egypto, aqui ſe viaõ vaticinados. Deſta ſorte abbreviou Vulcano, o que os fados promettiaõ aos deſcendentes de Eneas, debuxando naquelle circulo a alta Roma, que eſtenderia por todo

do o Mundo o ſeu Imperio, domadas, e vencidas as naçoens mais ſoberbas, e valeroſas. Aſſim obſervavaõ os Poetas, que no principio das mais vaſtas Monarchias, e nos naſcimentos dos mais excellentes Principes, ſe moſtrava com glorioſa predicçaõ, já na benigna influencia dos Aſtros, que entaõ dominavaõ, já no ſegredo de algum evidente prodigio, a grandeza a que foraõ deſtinados. As abelhas, que voaraõ à boca de Plataõ, prognoſticavaõlhe a Filoſofia, e a eloquencia, que lhe alcançaraõ o nome de Divino, como eſcreveo Valerio Maximo: a chamma, que muito antes luzio na cabeça de Servio Tullio, auguravalhe o Imperio, a religiaõ, e ambas as virtudes, Politica, e Militar, como o entendeo a Rainha Tanaquil, celebre em interpretar os futuros nas victimas dos ſacrificios: o circulo, que à maneira do Arco Celeſte, cercou o globo do Sol, em hum dia claro, e ſereno, prognoſticava a ſumma felicidade de Auguſto. E para que me naõ dilate na narraçaõ deſtes portentos, iſto meſmo moſtrava aquella primeira idade, na qual Scipiaõ era antepoſto ao eſpirito mais guerreiro, Origenes ao mais ſabio; porque grandes ventagens na ſciencia, e grandes emprezas militares, e literarias nos primeiros annos da vida, apparecem taõ poucas vezes no theatro do Mundo, que naõ he difficultoſo prognoſticar a eſtes, já Heroes na adoleſcencia, o bronze, e o marmore, ennobrecidos com lhe figurar as imagens, das quaes nos parece ſer inſeparavel a ſua vida. Para augurar o meſmo de vós, o Academicos, já naõ neceſſito do propicio voo das aves candidas, nem de outro algum auſpicio igualmente

Valer. Maxim. lib. 1. cap. 6.

mente benefico; baſta ſó experimentarmos, que os voſſos annos prodigioſamente ſe igualaõ nas ſciencias, e na admiravel uniaõ das virtudes, à mimoſa idade daquelles, que como Scipiaõ, e Origines, vieraõ depois a fazer certo o que era preſagio em hum do ſeu prodigioſo valor, em outro do ſeu facundiſſimo entendimento; e alcançaraõ aquella renovaçaõ de vida, que a Fama eternamente lhes dilata, nos padroens, e nos monumentos, em que lhes eſcreve os nomes, e os elogios. A Fama, a quem pertence coroar os entendimentos mais erudîtos, me eſtá moſtrando de longe o premio, que vos tem apparelhado no ſeu Templo; circulos tecidos de louro; marmores, em que ſejaes idolatrados eternamente; e thronos em que deſcanceis entre eſſas luzes, ainda naõ extinctas, de toda a Grecia, e de huma, e outra Roma. Póde já a noſſa Academia Latina, e Portugueza, Caſa verdadeiramente da Sabedoria, naõ temer os eſtragos, que o tempo executa; pois dentro deſtas veneraveis paredes vê elle a Virtude, e a Minerva, companhia formidavel ao ſeu fatal ruſtico inſtrumento, e ſociedade invencivel a todas as ſuas forças. Com razaõ poſſo eu logo prometter à Minerva Luſitana, a qual de hoje em diante jura aſſiſtirnos, huma eterna duraçaõ no ſeu Palacio, aonde terá comſigo aos noſſos Academicos, premiados com as Coroas, que com tanto credito, e com tanto applauſo vaõ conſeguindo pela inceſſante applicaçaõ dos ſeus eſtudos.

Sim: mas como póde eſta Academia quebrar as forças do tempo, e fazerſe immortal, ſe ella confeſſa mortalidade nos ſeus Alumnos? Como he cri-

21
418

vel, que viva ſempre quem naõ póde deixar de morrer ? Que ? confiamos mais dos noſſos Academicos, que daquelles Heroes, que já terminaraõ a vida na ſepultura ? Eſſes jazem, enſinandonos quam fragil, e quam caduca he a vida humana, pois depende de hum fio, que quando ſe naõ corta, elle por ſi ſe quebra. Que outra couſa ficou delles ſenaõ as frias cinzas, que as ſuas urnas nos eſcondem? Quem aſſim diſcorre, naõ entende qual ſeja a immortalidade de que vou fallando. Trato daquella vida, que eſtá muito longe das funeſtas ſombras da morte; daquella vida para onde nos guia o noſſo merecimento; daquella vida, da qual ſó participaõ os Sabios, e os Heroes, pois ſuperiores ao ocio, deſprezando as delicias, e as riquezas, com tanto trabalho, com tanta diligencia a buſcaõ, a procuraõ, e finalmente a alcançaõ. E quanto deve ſer ſuſpirada aquella noite, em que nós deſatados deſtes vinculos corporeos, que nos retem no Mundo, voemos a eſſas eſféras Celeſtes, em que brilhaõ os Aſtros reſplandecentes, e onde habitaõ eſſes, que vivem glorioſamente immortaes ! Perguntava Cornelio Scipiaõ, aquelle, que deſtruhio Carthago, e Numancia, ſe vivia ainda o grande Paulo Emilio, que prodigo do proprio ſangue cahira morto na batalha de Cannas ? Se ainda reſpiravaõ Calatino, os Metellos, e os Sirvilios, que já tinhaõ acabado o glorioſo curſo das vitorias, e junto à porta Capena deſcançavaõ as ſuas cinzas ? Todos eſtes, lhe reſpondeo o Africano, vivem na companhia dos Deoſes, como Hercules, Romulo, e os dous filhos de Tyndaro; porque a vida, que tiveraõ no Mundo (a quem

com

com mais propriedade chamara morte) ſó lhes ſervio para exercitarem aquellas acçoens, que os fizeraõ dignos dos thronos, que agora occupaõ : pois para eſte lugar, donde vemos proximamente as Eſtrellas, naõ guiaõ as paixoens, ou os appetites, a que ſe inclina o corpo pezado, e caduco; ſó a Virtude nos abrio o caminho, e nos dirigio os paſſos; a qual tambem, ò Scipiaõ, te ha de collocar neſta bemaventurada, e reſplandecente eſféra.

Por eſta razaõ Socrates, eſtando para beber a taça de veneno, deu graças aos Juizes, de que por beneficio do ſeu Decreto ſe lhe atalhavaõ com a morte os annos, que ainda pudera viver no Mundo. Grande he a felicidade, dizia elle, que eſpero alcançar neſte dia, pois he o ultimo, que conto na vida, com o qual ſe acaba tambem o poder, que contra mim tinha a tyrannia, e a inveja. A' manhãa me julgareis vós ſuperior a todas eſtas mudanças; porque, ou haveis de conceder, que com a morte tambem ſe extingue o eſpirito, que nos anima; ou que eſte vay para outro lugar, que os vivos ignoraõ, mais feliz, e venturoſo, que o Mundo, que agora habitamos. Se ſe acaba, e morre juntamente com o corpo, quem mais bemaventurado, que Socrates, pois ao trabalho, ao deſaſocego, e a todos os males da vida ſe ſegue a ſuavidade de hum perpetuo ſono ? Porém ſe he certo, que rendida a mortalidade ao golpe da inexoravel Parca, voa o eſpirito immortal a outras regioens occultas à noſſa viſta, e nellas deſcança, e ſe recreya com Orpheo, Muſeo, Homero, e Heſiodo, por cuja ſuaviſſima conſervaçaõ ainda ſuſpiro; ſe me reſta huma

22,
418

eterna duraçaõ entre aquelles virtuoſos Sabios, que ainda naõ conheço, os quaes ſempre venerey com publicos elogios, e bem merecidas honras; ſe finalmente me aparto deſte eſcandalo dos eſtudos, que exercîto, e vou para eſſes Filoſofos, que ouvi, e com quem me era jucundo paſſar os dias declamando, e diſputando: extinga já o veneno eſta luz com que ſe me conſerva, e dilata a vida, para depois a recuperar com felicidade maxima no ſuave ſilencio dos campos Elyſios. Diſſe, e tragou a morte. Tal he a pratica com que Plataõ introduz fallando a eſte mayor dos Filoſofos, da qual venho a entender, que no conceito de ambos eſta vida, que nós tanto trazemos nos olhos, e eſtimamos ſobre todas as fortunas proſperas, naõ era a que elles tanto trabalharaõ por alcançar. Aſpiravaõ ter, e conſeguiraõ aquella vida, que principia quando morremos, que he eterna, que he premio, e que beatifica os virtuoſos progreſſos deſſes Varoens, e deſſes Heroes illuſtres, que com ſumma proſperidade triunfaõ agora do tempo, da morte, e da inveja. E ſe aſſim naõ foſſe, como ſe ſacrificariaõ eſſes rayos de Marte, os noſſos Luſitanos, a Deos, e à amada Patria, com animo taõ heroico, taõ intrepido, e taõ conſtante? Podemos crer, que acabariaõ nos incendios, que na Africa, e depois na Aſia accendeo a guerra; e que commetteriaõ os projectos temerarios, e arriſcados, que buſcavaõ com incrivel deſprezo da morte, ſe os naõ moveſſe a ambiçaõ das Coroas, e dos triunfos; e ſe os naõ incitaſſe a eterna duraçaõ, que lhe adquiriraõ as ſuas magnanimas proezas, pelas quaes ſe fazem conhecidos, e venerados em todas

as

as Hiſtorias ? Oh ! e como ſeriaõ infelices, e dignos de lagrimas, e de hum continuado pranto o Caſtro, os dous Almeidas, o Pacheco, e o Albuquerque, flagellos, e terror dos gigantes da Aſia, ſe o premio, e a gloria, que lhe promettiaõ as ſuas triunfantes armas, e as ſuas heroicas fadigas, ſe lhes terminaſſe no tumulo, e ficaſſe ſepultada com as frias cinzas de cada hum ! Mas entenderaõ, que expondo-ſe aos perigos, paſſando noites inteiras ſem entregarſe ao ſono, vadeando rios ſem ponte, eſcallando muros, e acometendo exercitos, era o modo para participarem da vida, e dos alentos, que inſpira a Fama nos Varoens vitorioſos, e invenciveis; os quaes ella aparta da noſſa viſta, e da noſſa communicaçaõ, para naõ julgarmos, que eſtes famoſos, e inimitaveis Heroes ſaõ dignos da vida, que vivemos, finita, e miſeravel; mas que alcançaõ no ſeu Templo aquella precioſa immortalidade, iſenta da tyrannia, e ſuperior ao barbaro dominio da morte. Logo naõ importa, que eſte ampliſſimo theatro da eloquencia confeſſe ſerem ainda mortaes os ſeus Alumnos; pois he tal a gloria, que eſtes lhe communicaõ, que multiplicando-ſe cada vez mais com os ſeus eloquentes Eſcritos, e inceſſantes eſtudos, já alcançaõ para eſta Academia aquella perfeita immortalidade, que elles completamente chegaráõ a poſſuir, depois que deixarem nos ſeus livros depoſitadas as ſuas vozes, e os ramos de louro com que cingem as cabeças eruditas, e facundas, ſe converterem em Coroas de Cypreſte, que mais ſirvaõ de ſinaes funeſtos, que de verdes adornos aos ſeus ſepulchros. Aſſim ouvimos fallar a Lelio, e a Scevo-

la,

23
918

la, com C. Fannio, no livro de *Amicitia*; ao meſmo Lelio, a Scipiaõ, e a Cataõ no de *Senectute*; a L. Craſſo, a M. Antonio nos de *Oratore*; e para que tambem Roma ſe veja excedida, pela noſſa Luſitania, na mageſtade, na candura, e no adorno do idioma Latino; aſſim diſputa, com paſmo de toda a antiguidade, o Biſpo Oſorio, com Antonio Agoſtinho, e Joaõ Metello, nos cinco livros de *Gloria*. Aſſim vive Plataõ, e Ariſtoteles, e tambem aquelles Sabios, cujos eruditiſſimos Eſcritos ouvimos, e lemos com applauſo, e com juſta admiraçaõ. Aſſim finalmente permanecem todas as ſuas Academias, nas quaes ainda hoje entramos, e à ſombra das ſuas coroadas Eſtatuas, como da de Plataõ antigamente Cicero, diſputamos, e nos recreamos ſabiamente.

Cicer. in Brut. pag. mihi 255.

Mas ainda, que a virtude naõ triunfaſſe dos annos, e que ao duro golpe da crueldade do tempo acabaſſe, aſſim a fama dos Varoens illuſtres, como vemos poſtrados os edificios, que foraõ eſcandaloſos teſtemunhos da vaidade, e agora nem ſombra tem para o deſengano; com tudo, os noſſos Academicos acharaõ hum meyo o mais poderoſo, e o mais efficaz, para ſe fazerem immortaes, dedicando eſta Academia ao Sagrado patrocinio da Grande Mãy de Deos, venerada com o titulo da Conceiçaõ, no qual experimenta a Monarchia Portugueza huma Celeſte profuſaõ de beneficios. Que eſta protecçaõ ſeja o eſcudo com que ſe reſiſte à maõ armada do tempo, bem o entendeo a altiſſima, e a Real comprehençaõ do Auguſtiſſimo Monarcha, que governa o Imperio Luſitano, exceſſivamente dilatado, o maximo, o magnifico, o feliciſſimo D. Joaõ V. noſſo Senhor,

no

no qual adoramos a prudencia, o valor, e o eſpirito egregiamente Catholico, dos ſeus antepaſſados; mas na ſabedoria, na gr ndeza de animo, na benevolencia, e na mageſtade heroica, que Auguſto, que Tito, que Trajano nos offerece toda a antiguidade, que lhe poſſa ſer ſemelhante ? ou que Ceſares naſceráõ no Mundo, ainda que ſejaõ os mais Sabios, e os mais felices, que com eſte memoravel Rey do ſeculo dourado, ſe poſſaõ comparar ? Aſſim o entendeo (torno a dizer) o noſſo Auguſtiſſimo Monarcha; pois feito ſilencio nas armas, fechando no Templo de Jano o ſanguinolento Marte, e abrindo as reſpeitadas portas do ſeu Palacio às Sciencias, e às Muſas, inſtituhio hum Congreſſo de Varoens diſcretiſſimos, a quem ſem receyo algum chamo milagres da erudiçaõ, com que enriquecem a Patria, para que em huma, e outra lingua, Latina, e Portugueza, eſcreveſſem as acçoens heroicas daquelles de quem a noſſa Luſitania he mãy fecundiſſima. Bem moſtrou o Illuſtriſſimo Souſa, (eſſe que tantas vezes tem coroado a Academia Real com as luzes da eloquencia Sagrada, e profana) que o noſſo Auguſtiſſimo Monarcha, naõ ſó queria, que os Alumnos de taõ graviſſima Aſſemblea ſe applicaſſem à Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular deſte Reyno; mas que tiveſſem principio os ſeus progreſſos, debaixo do patrocinio, e no dia da Conceiçaõ da reſplandecente Eſtrella de Jacob, que aſſim como appareceo, diſſipou, e deſtruhio anticipadamente as tenebroſas ſombras da noite, e da culpa original. Eſta Regia deliberaçaõ, naõ ſó tem feito exceſſiva a gloria, e immortal o nome da Real Academia, nobiliſſima,

24
918

ſima, e douti ſima, mas tem dado perpetua exiſtencia às Igrejas de Portugal, e ao heroico merecimento daquelles Vaſſallos, que tanto dilataraõ, e fizeraõ opulento o Luſitano Imperio. Deſte modo vaõ aquelles Sabios, e exactiſſimos Eſcritores communicando aos Heroes Portuguezes nova vida, como ſe foſſe a tinta com que lhe eſcrevem as acçoens ſangue, que outra vez o animaſſe. Já tem gravado nas columnas, e bronze da eternidade os nomes daquelles Varoens famoſos, e inclytos, que foraõ diſcretos na penna, ſuaves na cythara, valeroſos na eſpada, temidos na lança, e finalmente elevados aos Solios, e às Tiaras, a quem a inveja negou as Eſtatuas, ou o tempo derribou as que ſe lhe erigiraõ. Aſſim vem rompendo pelo chaos do eſquecimento, aquelles, que huns à cuſta do muito eſtudo, e outros do muito ſangue, derramado na guerra, e pela diſciplina, fizeraõ ſuperior às forças da idade, e dos ſeculos futuros a noſſa Luſitania; aquelles, que a adornaraõ Rainha do Oceano, a quem Neptuno offereceo o Sceptro maritimo, pagandolhe tributo em criſtal, e ouro; aquelles finalmente, que a conſtituiraõ, já Athenas, já nova Roma, emporio do Univerſo, pois chega a ſua Purpura a cobrir as quatro partes da terra, e a ſua Serpente, com duas azas, dous Mundos. E ella confiada na ventagem, que leva às naçoens mais florecentes, e chea de deſvanecimento, por ter taõ preclaros filhos, levanta a cabeça coroada entre os mais Reynos da Europa. O' quanta he a immortalidade, que já gozaõ alguns daquelles deſpidos oſſos, que depois das ſuas virtuoſas fadigas, ſó acharaõ deſcanço na ſepultura! Eſtas

ſaõ

ſaõ as influencias da luzidiſſima Eſtrella, que nos preſide : com eſtas já os Heroes Portuguezes apparecem exaltados no theatro da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular; já conhecemos as ſuas virtudes, já contamos as ſuas vitorias, já ſabemos as ſuas origens, e geraçoens : com eſtas já os Eſcritores Portuguezes, examinando os Archivos à luz da verdade, com continuo, goſtoſo, e inceſſante eſtudo eſcrevem volumoſos livros, e tiraõ do eſquecimento com mais bem aparada penna as Memorias dos Heroes illuſtres Luſitanos; daõ noticia de Cidades, cujos principios ſe ignoravaõ; convencem, e confutaõ com Apologias as fabulas, que ſe admittiaõ nas Hiſtorias; e com eſte immenſo trabalho, huns, e outros Portuguezes, a beneficio da Soberana protecçaõ da Rainha dos Anjos, já parecem mais, que homens, pois ſe vaõ immortalizando com fama, e com nome eternamente perduravel. Eſta he a incomparavel felicidade, que alcançaõ, com a protecçaõ da Mãy de Deos, a Academia Real, e tambem a noſſa, por ſer Protectora de ambas. Vedes como neſtes obſequios ſe nos augmenta a devoçaõ à Virgem Senhora, benevolo Aſtro para as letras, e para as armas do noſſo bem augurado Imperio ? Vedes como promette eternos annos de duraçaõ à noſſa Academia, já que com tanto affecto, e com tanto rendimento lha dedicámos ? Vedes finalmente como com a ſua benigna aſſiſtencia ſe nos inſpira, e ſe nos communica aquella ſciencia, aquella virtude, e aquelles dotes, que deſtinaõ para a eternidade, os que os poſſuem, à qual agora aſpiramos, ajudados com a grandeza deſte Sagrado patrocinio ? Seja ago-

25
G12

ra correſpondencia offerecermos em ſacrificio, eſtes noſſos coraçoens à Virgem Santiſſima, nas aras, e com o turibulo do agradecimento; e para que naõ falte o eſſencial do holocauſto, juremos defender taõ admiravel, e adorado Myſterio. Será ſem duvida mais facil faltarnos a vital reſpiraçaõ, que deixarmos de o confeſſar com a penna, com as vozes, e ainda com o proprio ſangue.

E para acabar com o principal intento deſte Diſcurſo, a Vós, ò magnanimo, e invicto D. Joaõ IV. já eſpirito bemaventurado, darey eu immortaes graças, e em quanto me durar a vida as repetirey ſempre: porque querendo Vós fundar de novo, e reſtaurar o Imperio Luſitano, imitando ao vitorioſo, e piiſſimo Rey D. Affonſo Henriques, o dedicaſtes todo, com profundas adoraçoens, ao benefico patrocinio da Rainha dos Anjos, mandando cunhar em Medalhas de ouro a Imagem da meſma Immaculada Virgem, e eſculpir em marmores aquelles ſuaviſſimos caracteres, que publicaõ, que *A VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA FOY CONCEBIDA SEM PECCADO ORIGINAL.* Nem eu, ò Rey Auguſtiſſimo, que ſuſtentaes Maximo ſem competencia a eſféra Portugueza, poderey eſquecerme agora do voſſo feliciſſimo nome, pois nas emprezas mais altas, e mais dignas do voſſo religioſiſſimo eſpirito, invocaes a Virgem Santiſſima, no adorado Myſterio da ſua puriſſima Conceiçaõ. Bem o moſtraſtes quando elegeſtes por Capitana da Armada, que paſſeou vitorioſa o Mediterraneo, a Nao, que tinha eſte venerado nome. Ella obrigou, com terror aos Turcos a levantarem o duro cerco, com que em Cor-

fù

fû ameaçavaõ as ſuas armas huma univerſal ruina á toda a Europa. Entaõ ganhaſtes a Coroa Obſidional, que o Povo Romano eſtimava entre todas, por mais nobre, e com que premiou a Fabio Maximo, na ſegunda guerra Carthagineza. Ella depois vos alcançou a Coroa Roſtrada, porque levando no ſeu nome o preſagio da vitoria, ſopeou o orgulho, e a impolada ſoberba dos mares, e deſtruhio a dos Othomanos, que pertendiaõ acabar de huma vez com Italia. Pelo Mediterraneo naõ ſe viaõ mais, que erraticos incendios, em que ſe abrazavaõ as Naos inimigas, fulminadas pela Armada Portugueza; e a poucos perdoou a noſſa eſpada, que naõ acabaſſem nas chammas, que ſobre as aguas andavaõ ateadas; e ſe fogiaõ deſtas, naõ podiaõ eſcapar ao naufragio. Aſſim triunfado o mayor inimigo da Chriſtandade, e eclypſada completamente a Lua Othomana, voltou ao Tejo a Armada vitorioſa, varrendo as ondas com os Eſtandartes vencidos. Deſta ſorte, com as influencias da Virgem Senhora da Conceiçaõ, deixaſtes excedidas no Mediterraneo as guerras Accias, e os triunfos maritimos, que as Hiſtorias tiraraõ do poder do eſquecimento; e com eſte Angelico patrocinio communicaſtes à Republica literaria huma perenne, e eterna felicidade, que lhe eſtá promettendo a meſma Immaculada Virgem, Divindade Tutelar, e venerada Invocaçaõ de todos os ſeus Eſcritos. Aſſim, a beneficio voſſo, e com Sagrada mythologia, a Virgem Senhora noſſa, favorecendo, e protegendo as vitorioſas armas deſte vaſtiſſimo Imperio, e illuſtrando a Academia Real da Hiſtoria Portugueza, he Divina Pallas, he Soberana Mi-

nerva. Eſte foy o Catholico exemplo, que nos déſtes, ò Rey ſoberanamente illuſtrado; eſte o perfeito, e diſcreto modo, que elegemos, pelo qual a noſſa Academia reſiſtirá eternamente às agreſtes armas do tempo, ſem que poſſa nella empregar hum ſó golpe; pois ſempre teve embotados os ſeus ruſticos, e temerarios fios, ſe intentou deſtruir o nome perduravel, e eterno dos Sabios: Quanto mais, que o Sagrado Myſterio, em que invocamos a Virgem Senhora, já nos promette a dilatada felicidade de muitos ſeculos, e o dominio ſobre a inconſtancia, e variedade dos annos. Troya, e Roma, em quanto guardaraõ nos ſeus Templos a fatidica imagem de Pallas, foraõ os dous mais glorioſos Imperios do Mundo: hum terminava-ſe nos Horiſontes, o outro era o mais ſoberbo emporio de toda a Aſia: neſtas duas Monarchias naõ podia a Fortuna, nem voltar a ſua roda, nem reduzillos à ſua vontade; porque tinhaõ para ſi, que aquella Divindade (verdadeiramente fabuloſa) lhe enfreava os deſejos, e lhe domava a condiçaõ. Naõ teme a feliciſſima Luſitania, nem as ſuas Academias, com que ella tanto florece, a rigoroſa maõ do tempo; pois na ſua Protectora, em que adora a verdadeira Pallas, que eternamente nos ha de aſſiſtir, e de quem participamos grande luz para os noſſos Eſcritos, e compoſiçoens Academicas, collocou Deos Optimo, Maximo, a felicidade mais appeticida, a total intelligencia das Sciencias mais difficultoſas, em fim, a extençaõ da mais prezada gloria para o voſſo nome, e da mais innocente vaidade para a noſſa Patria.

Agora me parece ouvir a ſuave voz do Orador,

dor, que ha de acabar o circulo dos noſſos progreſſos Academicos; porque já vem proximo o tempo, em que deixados os exercicios da eloquencia, e das bellas letras, que exercitámos, em quanto durou o ſilencio nas Aulas, tornemos com novas forças aos eſtudos mais proveitoſos, e ſeveros; para que acabados huns, e outros felizmente, alcancemos os premios da Virtude, e da Sabedoria, que conſiſtem naquella gloria immortal, que nos faz tocar os Ceos, e que nos conſerva vivos em todas as idades na memoria, e nos elogios dos Sabios. Aſſim o eſpero; pois eſta Academia, illuſtrada por mais alto, e ſuperior influxo, eſtá reſpirando hum cordealiſſimo amor, e devoçaõ à noſſa Immaculada Protectora, nos cultos, nos votos, e nos obſequios, que reverente lhe conſagra. Tal he a utilidade daquelles, que ao meſmo paſſo, que vaõ vencendo o arduo caminho das Sciencias, recorrem ao Sagrado patrocinio da Virgem Santiſſima, Eſtrella luzidiſſima, que ſerenando a Juſtiça Divina, que taõ juſtamente provocamos, deixa os rayos o Supremo Jupiter com que pertendia fulminar o Mundo: Aſſim naõ ceſſaõ elles de moſtrar, nos ſeus Eſcritos, grande parte do verdadeiro affecto, com que ſempre veneraraõ a eſta Medianeira, Luz, e Mãy de todos os viventes; em fim, a eſta Eſperança, Vida, e Doçura noſſa, por cuja liberalidade, e beneficencia conſeguimos toda aquella infinidade de graças, e favores Celeſtiaes, que naõ ſabemos dizer; e, como ſe foſſem as Eſtrellas, que fingem a luminoſa Via Lactea, naõ os podemos contar. Voltay, Senhores, os olhos àquella adorada Imagem, que nos preſide. Vedes como

eſtaõ

27
918

eſtaõ cintillando na Sagrada Cabeça da Mãy de Deos doze Eſtrellas reſplandecentes ? O Sol lhe doura os veſtidos com as ſuas luzes; e a Lua ſerve de throno a tanta mageſtade. E quem haverá dos mortaes, que adorando-a no primeiro inſtante de ſua Conceiçaõ ſem macula, lhe naõ chame Mulher Forte, que com o inceſſante trabalho do lanificio ſuſtentava a ſua familia numeroſa, e viſtoſamente ornada ? Mas que muito ſe ella naõ herdou o patrimonio de ſeus Pays, em que tambem lhe vinha o peccado original; antes eſte, à maneira de nuvem opaca, ficou vencido das Celeſtiaes luzes, de que a Virgem Santiſſima ſe vio cercada no primeiro inſtante de concebida. Quem naõ entenderá, que ella he a Nuvem, que acompanhava o Povo Iſraelitico, quando ſe inclinava o dia ? E como a poderiaõ eſcurecer as tenebroſas ſombras da culpa, ſe ella as rompia, e apartava, luzindo, e alumiando até de noite ? Quem finalmente naõ diſcorrerá, que ella he aquella Çarça, que entre ardentes lavaredas fazia huma terrivel oſtentaçaõ de luzes ? E como ſe poderia atear nella a faiſca do peccado, ſe a Çarça em os incendios ſe conſervava intacta, e verde ? Mas que digo eu, naõ diſcorrerá ? Em hum dia em que vemos reſplandecer tanto as voſſas luzes, ò Academicos, e aquellas chammas ateadas em aras de cera, que como fogo do noſſo ſacrificio adoraõ eſte Sagrado Myſterio entre os obſequios do mais profundo reſpeito, naõ tem lugar, nem o diſcurſo, nem a conſideraçaõ. O mais nobre, o mais glorioſo, o mais heroico exceſſo, a que podiamos chegar, he, que ſeja hoje objecto dos noſſos olhos a noſſa meſ-

ma

ma devoçaõ, por naõ caber já na dilatada esféra do peito. Que modo se podia escolher mais proprio de animos religiosos, e pios, para confessar este Mysterio respeitosamente adorado, senaõ venerando-se publicamente? Esta he a harmonia, o fim, e o ultimo intento de taõ Catholico apparato. Acabe-se aqui o fio da Oraçaõ, para me recrear no agradavel engano, de que já ouço o futuro Orador, que com discurso mais levantado, e conceituoso, me deixará incomparavelmente excedido. O', e com quanta suavidade, com quanta elegancia, com quanta discriçaõ falla, persuade, e discorre!

E Vós, ò Virgem Santissima, exaltada Palma em Cadés; victor, victor; pois nunca vos pode inclinar o grave pezo da culpa; Vós, ò Mystico Platano, em que sempre permaneceo o candor original, a cuja vista, e junto das perennes, e saudaveis aguas da Divina graça, foy concebido aquelle Immaculado, e Candido Cordeiro, que se apascenta entre lirios; Vós, ò pacifica Oliveira, cujo fruto tanto augmenta em nós as Luzes Eternas; Vós, ò Oliveira sempre verde, e chea de folhas, ainda que se secasse o tronco, digo, o primeiro Pay; recebey benignamente estes cultos, estes obsequios, com que vos invocamos Divindade Tutelar de toda esta Academia, para que nos inspireis aquella sciencia, que nos faz dignos da vossa Sagrada Protecçaõ; para que nos feliciteis com a vossa assistencia os nossos progressos, assim nestes, como nos estudos mais altos, e que necessitaõ de mayor luz, e prespicacia; em fim, para que sejaes a Estrella, que nos guie, que nos illustre pelo difficultoso caminho da Virtude, da Sabedoria,

Allud't ad Genes cap 30.

bedoria, e da immortalidade. Os noſſos Academicos, Senhora, vos offerecem hoje o ouro da ſua erudiçaõ, como tributo; eu ſó vos dedico humas poucas flores, que tenho colhido dos meus annos, as quaes às voſſas influencias devem o naſcer. O' como eſtou certo, de que hoje me aceiteis eſta pequena offerta, e me recebaes tambem o eſpirito, lá quando o ultimo ſono me fechar os olhos, e a Morte executar em mim o ſeu indiſpenſavel decreto!

Diſſe.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
3
ABR
41
Nº de Reg 2812